

# Pesquisa em Ação Trilhando Caminhos em Educação

Ronaldo Luís Goulart Campello  
(Organizador)



 Editora  
**Atena**

Ano 2018

Ronaldo Luís Goulart Campello

(Organizador)

**Pesquisa em Ação**  
**Trilhando Caminhos em Educação**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P474 Pesquisa em ação [recurso eletrônico]: trilhando caminhos em educação / Organizador Ronaldo Luís Goulart Campello. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-85107-00-0  
DOI 10.22533/at.ed.000181407

1. Folclore - Brasil. 2. Lendas brasileiras. 3. Literatura brasileira - Contos. I. Gaviolli, Gabriel. II. Título. III. Série.

CDD 398.2098

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## APRESENTAÇÃO

A proposta deste trabalho escapa/surge em meios as classes de sala de aula, salas de professores, e também às salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados, mas, tem seu cerne em uma Escola Técnica Estadual localizada no bairro Fragata na cidade de Pelotas – RS. Uma ideia que se teve de pensar para além das estrias que demandam este corpo-educação. Pensou-se ser necessário discorrer sobre práticas de ensino, formação docente; metodologias que busquem propor uma face de passagem plana, resvaladia, deixando assim, fruir encontros dos corpos que fazem educação, alunos, professores...

Deste modo, se oferece neste instrumento-livro e seus movimentos, sopros de ar fresco, não fórmulas, não guias, tampouco manuais práticos ou de auto-ajuda que digam como fazer docência num ambiente que se pensa estar já bem poluído e estriado pela ferrugem de práticas quiçá desatualizadas e que não contemplam todos que imergem neste oceano, para neste campo, profundo e repleto de monstros que tentam nos devorar no dia a dia de nossas docência. Não. Não é esta a ideia deste instrumento-livro. Este é um texto colaborativo escrito em meio às classes de sala de aula, salas de professores, e também nas salas de cursos de pós-graduação, mestrados e doutorados destes que buscam pensar uma educação comprometida e fruída.

Aqui nestas páginas se busca tratar de temas/práticas que são pertinentes as demandas de sala de aula, não tomando como regra ou colocando em primeiro plano, uma ou outra escrita, nem tomando como verdade uma ou outra prática, mas sim oferecer registros/lentes de práticas docentes que possam ajudar a vislumbrar com perspectivas novas o oceano que se apresenta as naus que de nosso pensamento navegam neste oceano seguindo sempre linhas de horizontes possíveis.

A todos uma boa leitura.

- Ronaldo Campello -

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
BRINCAR NA RUA	
<i>Catiúscia Daniela</i>	
<i>Marta Bottini</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
UMA INTERVENÇÃO SOBRE IDENTIDADE NO MEIO ESCOLAR	
<i>Juliana Boanova Souza</i>	
<i>Lidiane Maciel Pereira</i>	
<i>André Luis Ferreira Andrejew</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>14</b>
PROFESSOR-FLÂNEUR-CARTÓGRAFO-PESQUISADOR...	
<i>Ronaldo Luís Goulart Campello</i>	
<i>Cynthia Farina</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>24</b>
APRENDIZAGEM LÚDICA DE LÍNGUAS MEDIADA POR TDIC'S	
<i>Neemias de Oliveira Steinle</i>	
<i>Luis Roberto Volz de Oliveira</i>	
<i>Haidi Werhmann Reinar Steinle</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>33</b>
NARRATIVAS DO COTIDIANO DO BAIRRO FRAGATA: UMA PROPOSTA PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL	
<i>Carla Vargas Bozzato</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>39</b>
OS JOGOS DE AZAR E O ENSINO DE PROBABILIDADE E ANÁLISE COMBINATÓRIA	
<i>Fabrcio Monte Freitas</i>	
<i>Denise Nascimento Silveira</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>50</b>
APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.	
<i>Jussara Costa Duarte</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho,</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>58</b>
PATRIARCADO, MASCULINIDADE(S) E AS MULHERES: ENTENDENDO A OPRESSÃO FEMININA	
<i>Amélia Teresinha Brum da Cunha</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>68</b>
A FORMAÇÃO DE UM PROFESSOR-CARTÓGRAFO: COMO CHEGAMOS A "SER" PROFESSOR?	
<i>Jorge Garcia</i>	
<i>Alberto d'Ávila Coelho</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>80</b>
O ENUNCIADO É UMA CONVENÇÃO DE TODOS OS CONTEXTOS	
<i>Marcio Nilander Ávila Barreto</i>	
<i>Vera Lúcia Cardozo Bagatini</i>	
<i>Maicon Farias Vieira</i>	

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>89</b>
UM APRENDER EM OFICINAS DE ESCRITURAS NA ESCOLA	
<i>Josimara Wikboldt Schwantz</i>	
<i>Carla Gonçalves Rodrigues</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>97</b>
NOTAS: UMA CARTOGRAFIA; SUSPEITAS E POSSIBILIDADES ACERCA DO CORPO	
<i>Marta Lizane Bottini dos Santos</i>	
<i>Ursula Rosa da Silva</i>	
<i>Ronaldo Luis Goulart Campello</i>	
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>105</b>

## APRENDER COM IMAGENS VISUAIS: FACEBOOK SALA DE AULA.

**Jussara Costa Duarte**  
jussa.duarte@gmail.com

**Alberto d'Ávila Coelho,**  
albercoelho@terra.com.br

### Introdução

Este breve artigo surgiu de uma dissertação, quando esta envolveu um grupo de jovens estudantes, pelo *Facebook* e presencialmente, indagando sobre um tipo de participação que se dá pela criação e compartilhamento de imagens que, de alguma maneira, muda o modo como os jovens se comunicam, interagem e aprendem. Esse grupo se denomina CVI9, ele informa aos estudantes sobre estágios na área de comunicação visual, mudanças de horário na grade curricular, arquivos para visualizar, avisos como troca de datas de provas, postagem de imagens das atividades em sala de aula, links para textos, vídeos e outros sites de interesse coletivo.

Para problematizar a investigação a partir das imagens postadas neste grupo surgiram algumas questões: Como as imagens interferem nas interações dos estudantes? Quais as situações em que são produzidas e o que as tornam um elemento potente do aprender? Definindo mais o campo problemático de pesquisa, pergunta-se: como e quando uma imagem provoca “signos”?

Quais componentes ela carrega e que são potentes para fazer revelar um aprender? Como uma imagem no *Facebook* provoca os estudantes para além do costumeiro “visualizar”, “curtir” ou “comentar”? O que seria um “bom encontro” com uma imagem no *Facebook*?

Assim, investigando a imagem visual enquanto dispositivo para aprendizagens produtoras de signos, potencializando processos pedagógicos no ambiente de interação *Facebook* e no espaço presencial, objetivou-se problematizar a imagem nas interações realizadas nos ambientes, real e digital (o virtual da Internet) como um elemento que produz signos, favorecendo um aprender que amplia os limites da sala de aula e pensar o *Facebook* enquanto espaço que enriquece o aprender, aumentando a relevância dos encontros.

Provavelmente, a ferramenta de interação que materialize o ciberespaço, descrito por Levy (2010) e mais difundida atualmente em todo o mundo, seja o ambiente de interação *Facebook*. Enquanto ambiente educacional, o *Facebook* pode fornecer aos estudantes a oportunidade de apresentarem suas ideias, conduzirem discussões *on-line* e colaborarem de forma efetiva. Além disso, o *Facebook* pode ajudar o professor a se familiarizar com os estilos de aprendizagem digital dos seus estudantes.

Entende-se que a utilização do *Facebook* justifica-se, devido à variedade de possibilidades que o ambiente apresenta: interação, informação, comunicação. As interações podem se dá de forma escrita, por meio de imagens, pelo intermédio de vídeos e, tudo isso, através de uma interface muito fácil de ser manipulada. Por isso, o seu crescimento destacado entre os SRS (*Sites de Redes Sociais*) atuais, tornando-se, dentre esses sites, o mais utilizado no Brasil.

Quanto ao *Facebook* do grupo CVI9, interessa investigar a capacidade da imagem fotográfica de ser provocadora e produtora de signos, estimulando um aprender por signos. Na experiência o aluno não vê apenas o lugar fotografado, mas uma série de outras provocações que movimentam sua memória, relações com o que foi fotografado e circunstâncias vivenciadas. Muitas imagens nos fazem pensar. Elas pensam e nos seduzem pela sua aparência, nos fazem multiplicar nossos “pontos de vistas”.

Apesar das possibilidades hipertextuais e de interconexão que a cibercultura oferece, ainda encontramos processos de aprendizagem pautados em referenciais pedagógicos de rememoração e de transmissão direta de conhecimentos, como os problemas que nós professores costumamos “dar” para nossos alunos resolverem, como aquelas questões que se resolvem com respostas e soluções, conforme o nosso gabarito e do suposto controle de movimento do aprender, por parte do professor.

Aqui se entende que aprender não é reproduzir, mas estrear, criar o que ainda não existe, e não se contentar em repetir um saber. É preciso desfazer os discursos prontos, as organizações preexistentes que comandam e balizam toda a criação.

O filósofo Gilles Deleuze, na sua obra “*Proust e os signos*”, faz uma crítica da imagem clássica do pensamento e desenvolve uma teoria dos signos, a qual está mesclada ao conceito de imagem do pensamento e a todo o pluralismo que envolve sua filosofia. Nessa obra, ele propõe uma nova imagem do pensamento. Essa nova imagem se contrapõe à imagem dogmática do pensamento – a teoria do pensamento sem imagem - que só pode ser apreendida por tonalidades afetivas, isto é, só pode ser sentida, e é a esse respeito que um signo em Deleuze se oporá à reconhecimento. Deleuze nos diz que:

O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. O ato de pensar não decorre de uma simples possibilidade natural; é, ao contrário, a única criação verdadeira (2010, p. 91).

Para Deleuze, é pelo signo que o pensamento é retirado de sua inércia e violentado. O signo é o que força a pensar. É no pensar que está implicada a criação. “A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Pensar é sempre interpretar, isto é, explicar, desenvolver, decifrar, traduzir um signo”. (DELEUZE, 2010, p. 91). Só o convencional é explícito e isso não força o pensamento a pensar. O homem aprende, pensa e cria, mas não quando ele quer. Ele só procura a verdade no tempo, coagido e forçado. E o que nos força a pensar, portanto, são os signos.

Observada a dinâmica de visualizar, curtir e comentar no grupo do *Facebook*, a investigação buscou um disparador de signos elaborando encontros presenciais para oferecer aos estudantes momentos de troca e compartilhamento junto à pesquisadora,



para, posteriormente, levar o material imagético, como fotos e vídeos realizados no encontro, para o espaço digital do *Facebook*.

Esses encontros foram chamados de “Oficina do Chocolate”, e envolveu o corpo em experiência, produções de arte contemporânea efêmera e considerações sobre uma ideia de aprender. A experimentação realizada com os estudantes foi uma tentativa de provocar o pensamento. Dar uma “cutucada” no pensamento. Uma forma de tirar o pensamento de sua zona de conforto e tornando-o criador por uma necessidade de trabalhar, de articular e de relacionar afecções desprendidas no ambiente da oficina com o chocolate. A oficina do chocolate ofereceu experiências estimulando odores, gostos, movimentos e tatilidade. Será que ela realmente possibilitou um “pensar” por signos?

A oficina foi desenvolvida em dois encontros, no primeiro, os estudantes do CVI9 conheceram um pouco de arte visual contemporânea feita com alimentos e experimentaram o chocolate, dentre outros alimentos como frutas e balas, como um disparador de produção de imagens visuais, realizando desenhos e pinturas com os próprios alimentos, principalmente o chocolate em suas variações (pó, granulado, barra, líquido).

No segundo encontro, a proposta foi criar um autorretrato, também utilizando chocolate (confete e pó), açúcar e café, misturados a outros materiais como papéis de texturas diferenciadas, tesoura, estilete, cola e tintas. Este segundo encontro permitiu aos jovens estudantes darem sequência ao primeiro, quando foi solicitado um autorretrato. Também um espaço para depoimentos acerca de suas experiências, ficando combinada a postagem das imagens do processo de produção do autorretrato no *Facebook*, para compartilhar com o grupo pesquisado e aguardar possíveis “curtidas” e “comentários”. Trabalhar com alimento reforçou a experiência dos sentidos, o chocolate tem cheiro enigmático, sabores peculiares (ao leite, amargo, branco), formas distintas, estando disponível em barra, granulado, em pó ou na forma líquida. Contava com a experimentação, com as sensações e com os sentidos.

Dentro dos propósitos investigativos da dissertação, a Oficina de chocolate foi criada para oferecer aos estudantes momentos instigadores, onde o interagir pelo espaço presencial pudesse encaminhar registros que seriam disponibilizados no grupo do *Facebook* da turma, criando elementos para ampliar suas possibilidades interativas, no sentido de ser um ambiente pedagógico para um aprender.

Os participantes da oficina não tinham conhecimento prévio da proposta pedagógica. Ao entrarem na sala de aula, se depararam com uma mesa coberta com uma toalha indiana amarela, sobre esta toalha folhas de palmeira, dois abacaxis imitando o caule de uma palmeira e, em sua parte superior estavam presas folhas do mesmo tipo que havia sobre a mesa imitando a coroa do abacaxi. Na base do abacaxi-palmeira, estavam expostas as seguintes frutas: uvas, morangos e gomos de bergamota. Junto às frutas, havia três bandejas com *marshmallow*, *mousse* de chocolate, balas de goma e sete potes com confetes e rapaduras (um sabor diferente em cada pote). Havia também uma cesta com palitos de madeira e uma bandeja com três repartições contendo açúcar, chocolate e café. Também estava sobre a mesa, uma cascata em movimento, derretendo o chocolate

ao leite, e um suporte, contendo pirulitos alaranjados expostos verticalmente.

Quando todos já haviam observado a sala e se acomodado pelo chão e cadeiras, desejei boas vindas e os convidei a me acompanharem numa apresentação de *slides*, preparada para mostrar um pouco de arte contemporânea, uma arte efêmera feita com alimentos, como chocolate, geléias, caviar, leite e açúcar, dos seguintes artistas: Patrick Roger, Vivi Mac, Vik Muniz e Cosimo Cavallaro. Dessa apresentação, também faziam parte um vídeo e algumas imagens da Internet.

Terminado este momento convidei-os a se servirem e a saborearem os alimentos. Eles foram se aproximando da mesa, sendo estimulados pela visão e, na sequência, pelo sabor, pelo paladar, pela mistura do doce com o ácido, do amargo com o azedo. Silenciosamente, e de forma sorrateira, eu observava os movimentos de seus corpos, os olhares dos convidados, a relação e a interação entre eles e deles com o banquete. Quando percebi que estavam satisfeitos e alegres, senti que a frequência da vibração de meu corpo ansioso começava a diminuir. Respirei fundo, pois só estava no início e precisava continuar.

Convidei-os então a realizarem uma prática artística com os recursos que estavam na sala de aula. Meu desejo era que utilizassem o chocolate e os materiais ali disponíveis para desenho, pinturas e outras produções. O cenário mostrava a cascata de chocolate em movimento juntamente com as marcas e os restos das guloseimas espalhadas sobre a mesa. Minha ansiedade crescia, até que um estudante perguntou: - Até chocolate? Respondi afoita: - Sim! Foi então que o “gelo” da dúvida se quebrou, dando início a outro momento.

Tive o cuidado de não induzi-los a alguma forma definida, um tema ou um uso específico do chocolate, com o propósito de que seguissem suas sensações. As horas haviam transcorrido de maneira rápida e era quase meio dia, precisávamos terminar e fechar a sala, ir para casa. Um último registro precisava ser feito, produzir um autorretrato com chocolate e outros materiais e alimentos, juntamente com a postagem da foto do trabalho no grupo do *Facebook*, mas por falta de tempo foi preciso combinar mais um momento presencial com o grupo.

Para problematizar a pesquisa havia a necessidade de acompanhar as postagens das fotos, ver as curtidas e os comentários dos alunos naquele ambiente digital. Por fim, agradei novamente aquele momento. Uma das palavras que resumiu esses momentos foi “alegria”, esse afeto mais básico assumiu um lugar de destaques e reinventando para mim. Assim, senti que o processo anterior, de preparação da oficina, teve um bom retorno.

## Considerações finais

Após estes encontros, buscando abrir o corpo à investigação como uma produção de signos, fui tomada por uma dúvida: como escrever sobre esta experiência? Como trazer para a escrita da dissertação algo que ficasse o mais próximo do que aconteceu? Nem todos os momentos geram signos, mas quando gerados, eles estão relacionados com a produção de desejo. Como ser fiel a uma escrita que traga o que se passou?

O corpo estremece quando capturado por uma força produtora de signos - o coração bate mais forte, o pensamento vibra e zarpa de seu porto seguro, atravessando uma tempestade e deixando-se afetar por ela. O interessante é procurar nas sensações deste corpo afetado o que ficou, ou seja, as marcas mais intensas. Nesse deslocamento, o pensamento se recria, pois o corpo, que ficou impregnado de imagens do mundo, oferece possibilidades para uma escrita acontecer. E há que se ir experimentando com as palavras, dando espaço a elas, deixando-se levar. Assim, esta escrita seguiu o caminho da experimentação, do trânsito entre o físico e o digital, entre os eventos e os afetos, como modo de estimular as relações e assim favorecer uma produção de signos.

O Facebook é uma interface feita por territórios informacionais, constituído por tempos perdidos e redescobertos. Geralmente utilizada para compartilhar experiências vividas. Há muitos modos de “cutucar” os estudantes para que uma página no Facebook seja alimentada. Como foi solicitado na Oficina, os estudantes enviaram as fotografias para a página do grupo, postagens realizadas durante e depois dos encontros. Pode-se observar que os acontecimentos vividos na oficina movimentaram-se de forma concomitante com o espaço digital, houve visualizações, curtidas e, eventualmente, comentário das imagens. As relações estabelecidas nos dois encontros da Oficina do chocolate transitaram entre a fronteira do ambiente digital e do mundo físico. Observou-se que as interações ocorridas no Facebook apresentaram um caráter de desprendimento do espaço físico-geográfico, experiências vividas e transformadas em postagens digitais. As imagens fotográficas lançadas na rede comporam-se por um emaranhado de relações que podem, continuamente, serem revisitadas. A produção coletiva dos autorretratos, por exemplo, valorizou um trabalho repleto de singularidades, imagens estas que se comunicaram formando links e relações sensoriais/sensíveis e imagéticas, fortalecidas pela presença de um corpo, de um rosto, de um modo de ser.

Como o trânsito entre o espaço presencial e ambiente virtual potencializa os processos relacionais e pedagógicos, infere-se a partir daí que uma imagem no Facebook provoca e denuncia um “grau de potência” quando lida com o conceito de “signo” enquanto componente capaz de provocações, podendo ser reconhecido em um “comentário” no Facebook ou na hora em que a imagem foi gerada, visualizada por todos na tela do celular ou máquina fotográfica.

Assim, promovendo encontros sensíveis com a Oficina do chocolate e seus registros fotográficos e videográficos, foi possível viver momentos de troca de afetos entre a professora pesquisadora, os estudantes e os convidados, fomentando uma prática onde era preciso estar atenta aos detalhes e às sutilezas.

Todos os sentidos foram convidados para esse banquete, um encontro que aguçou o olfato pelo aroma de chocolate que ainda paira no ar, o paladar com o sabor doce das guloseimas, contrabalanceado pela acidez do morango, a visão das múltiplas cores que encantaram a mesa, a audição atravessada pelo ronco do chocolate, deslizando pela superfície lisa de uma cascata, e, por fim, o tato e o toque entre a mão e o alimento, o chocolate e a pele, o papel, os “lábios-chocolate”. Através da gula, os estudantes

comungaram com os ingredientes do banquete e produziram imagens pictóricas com sabores.

Pode-se inferir que os momentos produzidos pela Oficina foram inesperado, inusitado, incomum, provocando sentimentos, fazendo com que os estudantes relembassem os primeiros semestres do curso, quando realizavam trabalhos manuais, como colagens, pinturas, desenhos e dobraduras.

Na Oficina de chocolate, os materiais estranhos a sua função, estavam sendo experimentados com tempo para o erro, para tentá-lo novamente, desmanchar e recomeçar. Tempo para analisar o processo sem o sufocar do tempo que corre sempre muito rápido. Aprender tornou-se sinônimo de divertir-se, viver experiências alegres, possibilitar desafios e encontros ao abrir fissuras no currículo de um curso de Comunicação Visual, promovendo estranhamentos, arejar, deslocar, deixar-se atravessar. Desacostumar-se, incomodar-se, alongar os espaços ao criar outra funcionalidade, em especial, ao explorar os materiais plásticos de uso cotidiano e pertinentes ao curso.

Esta fuga do cotidiano possibilitada pelo ambiente da oficina se estendeu ao espaço das relações do Facebook. As imagens produzidas durante as oficinas capturaram as brechas de um aprender pelo sensível. Mostraram uma prática que pode vir a cutucar o olhar. Assim, as imagens, registros e expressões da experiência, carregam os interesses e as descobertas das relações vividas no espaço educacional e o que escorre para além dele, gerando outras visibilidades para encontros possíveis.

Quanto a minha participação, foram momentos inimagináveis e inesquecíveis. Sabe aquele desconhecido que tinha assumido uma “cara” para mim? Pois é, sensações alteraram algumas crenças sobre a imagem que tinha de mim como professora. Conto uma que foi realmente uma marca, um signo produzido. Quando durante a oficina perguntei “o que acharam da oficina?”, eis a resposta de uma aluna que estremeceu meu corpo, que tirou meu ar: “A melhor aula que tive de todo o curso”, disse a aluna ainda sentada em uma cadeira da sala de aula. Na hora fiquei sem fôlego, meu peito abriu e tive a sensação de que ia me sufocar, o ar não saía de meus pulmões e pensei: como? Por que, se foi tão simples a proposta que realizei?

Nestes dois anos que exercito minha docência, não me recordo de ter pensado tão vividamente sobre minha profissão. Perguntei-me: por que ouvir este relato foi tão impactante? Sentir na própria pele o sabor de um bom encontro foi uma experiência inédita. Acredito que o funcionamento de uma prática pedagógica dependa dos acordos entre seu corpo docente e discente, não há um único responsável por aquilo que será “melhor ou pior”. Penso que no depoimento da aluna, a respeito da oficina, não há uma vontade de comparação que anula sua experiência no curso e exalta a oficina, mas sim uma opinião espontânea que diz o que está sentindo no momento, e que é legítima, pois vem de uma pura afecção. De minha parte, devo dizer que careço desses elogios. Creio que a carência vem de mim mesma, pois não me via como uma professora capaz de com um ato mesmo que “singelo”, afetar a vida de alguém. Precisei abrir-me para escutar o que está fora, no entorno, visto que o corpo experimenta, sente, pensa, vibra e sofre. Ele suporta, porém não

temos como saber o que ele suporta. Eu, nesse encontro, suportei sentimentos antagônicos - medo e alegria, apreensão e tranquilidade, nervosismo, ansiedade e alívio.

Ao escrever a dissertação, apropriei-me de alguns códigos das artes visuais, do alimento como arte, dos signos como provocadores do aprender. Ao reconhecer na rede social Facebook uma potência para produzir conhecimentos, interpretar situações e explorar a imagem em suas multiplicidades, experimentei uma quantidade de estímulos visuais recebidos no impacto causado por ela. Realmente, a potência desse encontro alegre me transformou e provocou afetos. São aprendizagens que se transformaram em imagens e estão compartilhadas através do Facebook.

Ao transitar no cenário educacional, entre o presencial (oficina) e o digital (Facebook), houve vivências, experimentações e afecções, na medida em que foram proporcionados encontros desafiantes para movimentar o pensamento. Houve também proposições que provocaram um questionamento e um possível deslocamento do clichê, sem deixar de compreender que as coisas do mundo são feitas de imagens repletas de clichês. Produziu-se imagens que não apenas registram momentos vividos, mas apresentam potência para ver o entremeio, não o que a imagem representa, ou qual lembrança traz, mas as relações que fazem emergir os signos do aprender.

Para finalizar, as discussões desta investigação destacaram que os tantos deslumbramentos e as adesões óbvias dadas às Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) necessitam de uma atenção especial. Considerando o Facebook vimos que ele é um ambiente que predispõe infinitas interações com a imagem a partir de suas capacidades sensíveis, mas nada está determinado de antemão. O Facebook não abarca só um processo de relações digitais veladas ao contato um a um, mas sim, considera o coletivo, as relações interpessoais, a existência de grupos, ele mostra-se como uma ferramenta que pode dinamizar o compartilhamento de conteúdos (imagens, vídeos, postagens, links, entre outros), proporcionando e facilitando processos de interação.

Não podemos desconsiderar que estas “conversas”, estas trocas, mediadas pelos diversos artefatos tecnológicos propiciam que os jovens transitem simultaneamente por entre o espaço digital e o espaço físico, em um processo de interação, permitindo novas possibilidades comunicacionais, em uma era em que há a possibilidade de nos comunicarmos a partir de, praticamente, qualquer lugar do planeta, a qualquer momento do dia.

Focalizando as postagens de imagens acredita-se que o Facebook pode constituir um ambiente favorável à aprendizagem pelas reverberações que estas causam desde que não se perca de vista as relações presenciais que permitem com que os registros fotográficos entre os corpos sejam possíveis. Portanto, uma imagem visual torna-se potente quando é capaz de afetar quem a olha revelando “signos”, denunciando assim seu “grau de potência” desde quando foi criada até o momento de seu compartilhamento e experimentação no contato entre os corpos, corpos-signos.



## Referências

DELEUZE, G. (1988). Diferença e repetição. (L. Orlandi & R. Machado, Trads). Rio de Janeiro: Graal. (Trabalho original publicado em 1968.p. 54.)

DELEUZE, Gilles (1988) Diferença e repetição; tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. p. 270, 241

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire (1998). Diálogos; tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta.

DELEUZE, Gilles. Proust e os Signos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LEVY, Pierre. Cibercultura, São Paulo, Editora 34, 2010.

## **SOBRE OS AUTORES**

**Alberto d'Ávila Coelho** Instituto Federal Sul-rio-grandense, campus Pelotas – IFSUL; Dep. de Ensino de Graduação e de Pós-Graduação Membro dos Grupos de pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia. EXPERIMENTA/ CNPq/ IFSUL ArteVersa - Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte e Docência - CNPq/FACED/UFRGS

**Amélia Teresinha Brum da Cunha** Doutora em Educação. Bolsista Pós-Doc. no Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE/UFPEL). Membro do Conselho Editorial da Revista Cadernos de Educação/UFPEL. Áreas de interesse: gênero e educação; políticas educacionais; currículo; formação docente.

**André Luis Ferreira Andrejew** Graduação em Matemática Aplicada e Computacional; Mestre em Ciência da Computação e Doutor em Informática na Educação. Atualmente é professor do departamento de educação Matemática da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Carla Gonçalves Rodrigues** Doutora em Educação. Professora do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL.

**Carla Vargas Bozzato** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Catiúscia Daniela** Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

**Cynthia Farina** Doutora em Educação pela Universidade de Barcelona, coord. do GP Educação e Contemporaneidade: Experimentações com Arte e Filosofia (EXPERIMENTA); Prof.<sup>a</sup> do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSUL Pelotas RS, Brasil.

**Denise Nascimento Silveira** UFPEL - Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Física e Matemática – IFM; Departamento de Matemática e Estatística – DME Campus Universitário Capão do Leão – RS - BRASIL

**Fabrcio Monte Freitas** Doutorando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde – FURG/ UFSM/UFRGS/Unipampa; Lic. Matemática – Mestre em Educação. SEDUC RS – EEEM Dr. Augusto Simões Lopes; Pref. Mun. de Pelotas – EMEF Antônio Joaquim Dias; Colégio Sinodal Alfredo Simon

**Haidi Werhmann Reinar Steinle** Psicopedagoga Clínica e Institucional.

**Josimara Wikboldt Schwantz** Mestre em Educação. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPEL - PPGE.

**Jorge Garcia** Mestre em Educação pelo curso de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologias, do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – MPET- IFSUL;. Especialista em educação – IFSUL. Graduado em licenciatura e bacharelado em Filosofia da Universidade Católica de Pelotas – UCPel.

**Juliana Boanova Souza** Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Ex-bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES; Pertence ao grupo de professores do Projeto de extensão Desafio pré-vestibular da UFPEL.

**Jussara Senna Costa Duarte** Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Especialista em EAD – UCB; Membro dos Grupos de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta/ CNPq/ IFSUL.

**Lidiane Maciel Pereira** Licenciada em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL e Mestranda no Programa de Pós Graduação desta mesma Universidade. Atualmente busca por temáticas ligadas a educação inclusiva e educação Matemática.

**Luis Roberto Volz de Oliveira** Docente de Linguagens e suas Tecnologias com formação em Lingüística.

**Maicon Farias Vieira** Mestre em Educação e Tecnologia: Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia IFSUL – Rio-Grandense – Campus Pelotas - RS. Professora Estadual de Língua Portuguesa em Pelotas - RS. Participante do Grupo de pesquisa Discurso Pedagógico.

**Marcio Nilander Ávila Barreto** Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas. Acadêmico de Pedagogia FAE/ UFPEL. Graduado em Administração. Especialista em Gestão de Pessoas e. Membro do GP Discurso Pedagógico.

**Marta Lizane Bottini dos Santos** Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pós-graduada em Psicopedagogia Educacional pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA; Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela UFPEL

**Neemias de Oliveira Steinle** Docente de Linguagens e suas Tecnologias e de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação com formação em Lingüística, Pedagogia, Psicopedagogia.

**Ronaldo Luís Goulart Campello** Mestre em Educação e Tecnologia – IFSUL; Especialista em Educação – IFSUL Membro do Grupo de Pesquisa: Educação e Contemporaneidade: experimentações com arte e filosofia, Experimenta / CNPq/ IFSUL. Graduando em Licenciatura em Geografia UFPEL Pelotas – RS; Pedagogo pela ULBRA. Poeta.

**Ursula Rosa da Silva** Dr.<sup>a</sup> em Educação. É líder do grupo de pesquisa *Caixa de Pandora: Estudos em Arte, gênero e Memória* (CNPq/UFPEL), Atua na área de ensino da arte, com ênfase em filosofia da arte, crítica de arte, cultura visual, gênero, estética e cotidiano na contemporaneidade. Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Pelotas – RS

**Vera Lúcia Cardozo Bagatini** Mestre em Educação pelo programa de Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia MPET- IFSUL – Rio-grandense Campus Pelotas - RS. Graduada em Letras – Habilitação Espanhol – pela UFPEL, professora da Rede Municipal de Pelotas - RS.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-00-0

